

HISTÓRIA DA FONÉTICA/FONOLOGIA¹

ANTIGUIDADE

Primeiros registros humanos: cerca de 100.000 anos

Surgimento das primeiras escritas 1500 a.C.

Surgimento da escrita alfabética 1100 a.C. (inicialmente sem vogais)

Entre os gregos, **Platão** (424-348 a.C.) em alguns de seus diálogos (Crátilo 424a-425b, Teeteto 203 ab, Filebo 18 bc) testemunha o uso de termos como:

- letra (γράμμα)
- sílaba (συλλαβή)

Divisão das letras em Platão:

“letras que soam” τὰ φωνήεντα

“letras sem som e com ruído” τὰ μέσα

“letras sem som e sem ruído” τὰ ἄφωνα καὶ ἄφθωγα.

Termos técnicos, usados pelo menos desde Ésquilo VI a. C. *Os sete contra Tebas* (v.468, letras/sílabas) e Eurípides V a.C. *Palamedes* (letras/sílabas/vogais/mudas).

Na *Poética* de **Aristóteles** (384-322 a.C.), capítulos 20-21: duas das oito partes da locução (λέξεις) são:

- letra (στοιχεῖον, “elemento”, derivado de στοῖχος, que significa “ordem”)
- sílaba (συλλαβή).

A “letra”, para Aristóteles, é um “som indivisível” (φωνή ἀδιαιρέτος): não se trata, porém de um som qualquer, mas daquele que origina um “som composto” (συνθετὴ φωνή). E complementa: “Não denomino letras os sons indivisíveis produzidos pelos animais”. (cf. Princípio da Dupla Articulação de André Martinet 1960 *Éléments de linguistique générale*, os fonemas fazem parte da segunda articulação)

Divisão das letras segundo Aristóteles:

- vogal (φωνήεν), sem adjunção (προσβολή), como AO
- semivogal (ἡμίφωνον), têm som com adjunção, como ΣΡ
- muda (ἄφωνα), não têm som por si só, mas somente junto com outro com som, como ΓΔ

Os elementos que diferenciam devem ser estudados nos tratados de métrica (forma da boca, o local da emissão, a distinção aspirada/não-aspirada, a distinção longa/breve e as entonações). Sílaba, para Aristóteles, é um som não-significante (φωνή ἄσημος) composto de um elemento mudo + elemento sonoro. GP não é sílaba, mas sim ΓΡΑ.

Na *Arte Gramatical* (Τέχνη Γραμματική) de **Dionísio Trácio** (170-90 a.C.) que “gramática” (palavra derivada de γράμμα, isto é, “letra”) se define como “o conhecimento aprofundado de tudo que constitui a língua, segundo a maneira como os poetas e prosadores se serviram dela”.

Estabelece a sinonímia entre γράμμα = στοιχείον. Porque são caracteres grafados se diz γράμμα e, por outro lado, se diz στοιχείον porque têm uma ordem (στοίχος) e posição (τάξις).

Diz que há 24 letras (na língua grega):

- sete vogais (φωνήεντα = α ε η ι ο υ ω), que “produzem som por si só sem a ajuda de outras letras”. Distingue longas/breves/ambíguas. Vogais prepositivas (προτακτικά) formam ditongos (δίφθογγος) com as pospositivas (ὕποτακτικά).
- dezessete consoantes (σύμφωνα), que se subdividem em:
 - semivogais (ήμίφωνα = ζ ξ ψ λ μ ν ρ σ)
 - duplas (διπλᾶ = ζ ξ ψ = σδ, κσ, πσ)
 - inalteráveis (por questões morfológicas) ou líquidas (ἀμετάβολα / ὑγρά = λ μ ν ρ)
 - mudas (ἄφωνα = β γ δ κ π τ θ φ χ).
 - nuas (ψιλᾶ = κ π τ)
 - densas (δασέα = θ φ χ)
 - médias (μέσα = β γ δ).

Dionísio Trácio ainda estabelece paralelismos entre π β φ / κ γ χ. / τ δ θ.

Para ele, as letras finais (τελικά) misturam todas essas categorias, pois são as que aparecem nos finais das palavras (aqui entra o σ remanescente).

Distinguem-se as sílabas (que têm de ter ao menos uma vogal) em longas e breves. Aqui entram as circunstâncias métricas (oposição φύσει / θέσει) “longa por natureza/ longa por posição”.

Precursores e possíveis influências: Antímaco, Alexarco, Zoilo, Amérias, Zenódoto de Éfeso, Aristófanes de Bizâncio, Licofron, Aristarco da Samotrácia, Apolodoro

RENASCIMENTO

Para Elio Antonio de Nebrija (1441-1522), autor da primeira gramática de uma língua ocidental moderna, a *Gramatica de la lengua castellana* (1498), as consoantes se classificam em:

- *limpias* (surdas),
- *espessas/floxas* (sonoras),
- *medias/gruessas* (fricativas),
- *escuras* (nasais)

Estudos articulatórios, considerações sobre a natureza distintiva das letras e questionamento da nomenclatura gramatical surgem na *Gramatica da lingoagem portuguesa* (1536) de Fernão de Oliveira (1507-1580/1). Antes de Oliveira, cite-se, por exemplo, no séc. XII, o *Codex Wurmianus – First Grammatical Treatise*, de um islandês anônimo.

Segundo Oliveira, uma letra é um conceito abstrato, que tem *figura, nome e voz*. E se classifica em *vogais* e *consoantes*. Há letras imperfeita (como o H e o til) e sobejas (como o K). Chama as vogais nasais de *escuras*.

As vogais se classificam em:

- grandes (a ε ω + i, u)
- pequenas (α e o + i, u “pequenos”, grafados e, o)

As consoantes podem ser:

- mudas = b c d f g m n p q t x (ç j v y)
- semivogais = l r s z (“dão cabo das vozes”, mas não m n: sinais de nasalidade)

Segundo ele, há ainda consoantes:

- *com espírito* (surdas),
- *sem espírito* (sonoras),
- *assoviadas* (fricativas),
- *escuras* (nasais)

Vocabulário utilizado para descrição articulatória em Oliveira

- *lombo da língua* (dorsal),
- *dentes de cima/ dentes queixaes* (dentais),
- *gengivas de cima* (alveolares),
- *morder a voz* (oclusão),
- *língua ancha* (palatalização),
- *beijos apertados/apartados* (labialização),
- *assovio/ assopro* (fricção).

Reformula a nomenclatura: para ele, as líquidas não são um subconjunto das semivogais mas o segundo elemento do que hoje chamaríamos de “ataque silábico” (“tem atrás outra consoante muda que caia sobre ela”), portanto, r l i u (que propõe ser grafada como *o*: *lingoa, qoando, memorea, glorea, argoir, continoar*).

Refere-se às consoantes como *dobradas* para rr ss (mas não ll, mm)

Observa:

- que as *aspiradas* ch lh nh não têm figura especial
- que há estruturas silábicas como muda+líquida+vogal ou ditongo+semivogal ou til
- que o acento tônico distingue palavras.
- que a “ordem das letras muda o ofício”
- graus de abertura *u: o: ω* e *i: e: ε, a: α* outros pares

A descrição articulatória das letras tem aliterações (provavelmente com alguma finalidade mnemônica ou didática). Por exemplo: b (beicho, bafo, baba), d (deita, dente), f (fecha), l (lambe), m (muge), z (zine). Também observa que a forma do ε é a de uma boca aberta, que a do ω como que “beijos encolhidos”.

Emprega distinções de grafemas como <ε>: <e>, <ω>· <o>, <α>· <a> apenas em comparações que se assemelham muito aos chamados “pares mínimos” do estruturalismo, mas não no corpo do texto. A consciência da oposição fonológica também ocorre nas chamadas *letras chegadas* (pares surda/sonora *c:g, p:b, t:d, f:v, ç:z, s:ss, j:x, l:r, r:rr*)

Propostas ortográficas:

- baseadas em sons (Nebrija, Oliveira, João de Barros, Gândavo)
- baseadas na etimologia (Nunes de Leão)

Alfabetos renascentistas:

- Nebrija: a b c ç ch d e f g h i j l ll m n o p r s t v u x z
- Oliveira: a α b c ç d e ε f g h i j m n o ω p q r rr s t v u x z y ch lh nh
- João de Barros: á a b c ç d e f g h I i y l m n ó o p q R r S s t V u x z ch lh nh
- Nunes de Leão: a b p ph c d t th e f g h i k l lh m n nh o p q r s v x y z

Em Nebrija fala-se da regularidade das mudanças fonéticas (“corrupções”) do latim para o espanhol, ideia amplamente retomada e desenvolvida por Duarte Nunes de Leão (c1530-1610) em sua obra *Origem da lingoa portuguesa* (1606).

Entre os metaplasmos interessantes à história da Fonética Histórica, encontramos a observação de que, do latim ao português, ocorrem:

- alteração na terminação das palavras,
- diminuição das letras e sílabas,
- acrescentamentos de letras e sílabas,
- trocas.

SÉCULO XIX

Para a fonética histórica são de particular interesse os seguintes autores:

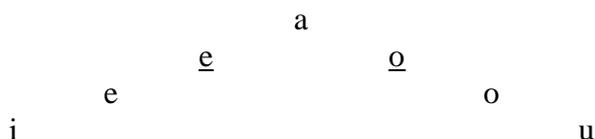
1818 Rasmus K Rask (1787-1832) – *Undersøgelse om det gamle nordiske eller islandske sprogs oprindelse*, de maneira aparentemente independente de Nebrija desenvolve o conceito de regras fonéticas, aplicando o método histórico-comparativa, para estudar a língua islandesa.

Em 1822, Jacob Grimm, conhecedor da obra de Rask, desenvolve na segunda edição de sua *Deutsche Grammatik*, correlações comparativas entre línguas, posteriormente conhecidas como “leis de Grimm”). Vale-se de uma divisão tradicional entre *tenues* (oclusivas surdas não-aspiradas), *aspiratae* (entendidas quer como oclusivas surdas aspiradas, quer como fricativas), *mediae* (oclusivas sonoras). Imagina-se um ciclo (nem sempre perfeito), em que as *tenues* se tornam *aspiratae*, que, por sua vez se tornam *mediae*, as quais voltam a se tornar *tenues*.

Os termos *fonética* e *fonologia* são amplamente divulgados no século XIX pelos indo-europeístas e sobretudo pelos autores que desenvolveram a linguística românica.

Em 1855, surge a proposta de Karl Richard Lepsius (1818-1884) de um *standard alphabet* para várias línguas aparece em sua obra *Das allgemeine linguistische Alphabet. Grundsätze der Übertragung fremder Schriftsysteme und bisher noch ungeschriebener Sprachen in europäische Buchstaben*. Berlin: Verlag von Wilhelm Hertz (Bessersche Buchhandlung). Essa ideia foi difundida em sua versão ampliada para o inglês, intitulada *Standard Alphabet for Reducing Unwritten Languages and Foreign Graphic Systems to a Uniform Orthography in European Letters*, 2nd edition, London/Berlin. (Republished by John Benjamins, 1981. With an introduction by J. Alan Kemp.

Fala-se do triângulos de vogais:



Em 1867 inicia-se a *semiótica* de Charles Sanders Peirce (1839-1914).

Em 1869 aparece o *Bulletin de la Société de Linguistique de Paris*.

Em 1872, surgem revistas como *Romania* (lideradas por Gaston Paris) e em 1877 a *Zeitschrift für romanische Philologie*. Utiliza-se amplamente o alfabeto de Lepsius.

Em 1873, Antoni Dufriche-Desgenettes (1804-1878) sugere o uso do termo *phonème* em filologia, acatado no ano seguinte por Louis Havet, na revista *Romania*.

Em 1877 o alfabeto *rômico* de Henry Sweet (1845-1905) é apresentado em seu *Handbook of Phonetics*: nasce a ideia da diferença entre uma transcrição ampla e uma estrita (*broad transcription* x *narrow transcription*). Distingue “essencial”/ “acessório” e fala de “diferenças significantes”

No mesmo ano, Ferdinand de Saussure (1853-1913) publica seu *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*, em que utiliza o termo “fonema” como um ancestral comum de certos sons.

Em 1883, iniciam-se, em língua portuguesa, os estudos de Aniceto dos Reis Gonçalves Viana (1840-1914), com seu artigo *Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d'après le dialecte actuel de Lisbonne*, 1883, *separata de Romania*, 12, pp 29-98 (Estudos de fonética portuguesa)

Em 1886 surge na França, com Paul Passy, *The Phonetic Teacher's Association* e seu jornal *Dhi Fonètik Tîtcær*. O princípio básico é que “deve haver uma letra separada para cada som que, sendo usada no lugar de outro, consiga modificar o significado da palavra”. Associam-se a ela linguistas de renome como Otto Jespersen, Wilhelm Viëtor, Henry Sweet, J. A. Lundell. Em 1887 o jornal se intitula *dhəfɔnetik tîtcær* e, em 1888, *ðəfɔnetik tîtcær*, quando passa a ter um conselho internacional com princípios tais como:

- Uma letra para cada som distintivo (“fonema”)
- Mesmo sinal para representar mesmo som em várias línguas
- Letras ordinárias do alfabeto latino são preferidas
- Valores das letras decididos pelo comitê
- Novas letras propostas devem ser sugestivas (semelhança)
- Evitam-se diacríticos

Apenas em 1889, podemos falar de uma primeira versão do IPA (quando nascem conceitos como os de *broad/narrow transcription*)

É de 1894 o conceito moderno de *fonema*, iniciado no Círculo de Kazan, com Jan Ignacy Niecislaw Baudouin de Courtenay (1845-1929) e por Mikołaj Habdank Kruszewski (1851-1887), que fala de uma oposição *antropofônico x psicofonético*. Segundo esses autores, o fonema é o equivalente psicológico do som da fala: o falante almeja um som, mas o som preciso é determinado pelo contexto fônico.

NOMES ABANDONADOS

gutural
explosivas/divíduas
ancípites
fricativas/contínuas
cerebrais
linguais
fauciais
fortes
lenes

NOMENCLATURA IPA

velares/uvulares
oclusivas
vibrantes/laterais
fricativas
retroflexas
velarizadas/faringalizadas
aspiradas/glotaais
surdas
sonoras

SÉCULO XX

É de 1906-1909 os cursos de Genebra oferecidos por Saussure, publicados postumamente por Albert Sechehaye & Charles Bailly. *Cours de linguistique générale*. Nessa publicação, os sons são ligados à *parole*, mas a fonologia é considerada o estudo acústico e articulatório, enquanto a fonética está ligada ao estudo diacrônico. Apesar desse uso antigo, o curso revela influência dos estudos psicológicos quando distingue as imagens acústicas da *langue* em oposição à concretude da *parole*.

A fonologia, no sentido moderno, continua a desenvolver-se no leste europeu : entre 1910-1918 Lev Vladimirovič Ščerba (1880-1944) fala claramente do aspecto funcional do fonema na diferenciação de palavras, de pares mínimos, distribuição complementar, de sons se reúnem num fonema. Essas ideias foram trazidas para o ocidente em 1911, por Daniel Jones.

Surge a *fonêmica* americana, equivalente à fonologia europeia (1925 Sapir, 1933 Bloomfield, 1934 Swadesh, 1935 Twaddell, 1947 Pike, 1955 Hockett).

É de 1926 o surgimento do Círculo de Praga. Publica-se a obra póstuma de Nikolaj Sergeevič Trubeckoj (1890-1938), intitulada *Grundzüge der Phonologie*, com análise de cerca de 200 sistemas fonológicos. A fonologia estruturalista se desenvolve (1949 Jakobson, 1949 Martinet).

Em 1952 publica-se *Preliminaries to speech analysis: The distinctive features and their correlates*, de Roman Jakobson, Gunnar Fant e Morris Halle. É de 1968 o SPE: *The sound pattern of English*, de Avram Noam Chomsky e Morris Halle. Inicia-se uma nova fase para os estudos fonológicos.

Surgem a fonologia autossegmental (1979, 1989 Goldsmith) e a teoria da otimalidade (1991 Prince & Smolensky), entre diversas outras linhas teóricas.